

Na parte anterior deste artigo, falámos de Marcondes Filho como humanista. Falta-nos agora, portanto, tratar das outras três características restantes do seu livro "Vocações da Unidade".

Há duas espécies de nacionalismos. Como em quasi tudo na vida, há aqui tambem dois lados: o bom e o mal, o certo e o errado, e assim por diante. O bom nacionalismo é aquele que não esquece todos os imponderáveis que fazem uma nação, uma simples parte no meio de outras partes, e que conclue assim ser impossivel um isolamento crú, exorbitante, absoluto. Ao passo que o nacionalismo "à outrance", perigoso e exagerado como que enxerga no mundo uma só nação — a sua, excluindo as demais e agredindo-as.

Como . representação gráfica, poderíamos dizer que os países são círculos menores, englobados por círculos maiores que são os continentes, que por sua vez se encontram dentro de um círculo muito mais amplo, que é a própria humanidade inteira. E, não tenhamos dúvidas, só esta existe em sua realidade palpável e eterna. Passam os países, modificam-se as fronteiras, transformam-se os governos mas a humanidade continúa a mesma, com os mesmos anseios, angustias, alegrias, sofrimentos. Em cada um de nós está uma partícula da grande especie humana, somos todos cidadãos do mundo. De modo que qualquer politica nacionalista deve ser de cooperação e não de rompimento, de auxilio mutuo e não de agressão.

Nos dias que passam, estamos vendo a que extremos pode chegar a plethora do nacionalismo: a uma verdadeira catástrofe universal. As nações são como os indivíduos, e aí daquelas que sejam tomadas de megalomania! Imagina-se a mais cheia de virtudes, a predestinada, a enviada de Deus para dominar as outras e escravizá-las. Esquecem-se do que dissera Goethe, no "Werther": a especie humana é uma coisa bem uniforme. Sem duvida que o é, cada povo recebeu igual quinhão de vícios e de virtudes, de qualidades e de defeitos. O resto é mistica demagógica de partidos políticos.

Ser nacionalista é viver sua parte dentro do mundo, crer em sua terra e viver sua própria vida, mas sem desprezar os ligamentos que a prendem ao todo. Fassa-se com as nações o mesmo que com os indivíduos, repita-se. Dizia Stoltenberg que cada um de nós é uma síntese, uma resultante de todos. Ao invés do homem só, o que existe realmente é um "pan-antropos", isto é, um mosaico de todos os homens. As personalidades se influenciam mutuamente, se interdependem, se

impresscionam reciprocamente. Cada um de nós chega até onde chegam as nossas relações sociais. Mesmo quando o individuo está dentro de sua casa, pensando estar só, engana-se totalmente sobre o que realmente é. Com ele, estão as suas ideias, as suas representações, os seus sentimentos, receios, saudades, esperanças — e tudo isso, afinal de contas são elementos exclusivamente sociais. Ele os trouxe da rua, do contacto com os outros seres humanos

Assim é o nacionalismo no mundo contemporaneo: é uma pura abstração política e económica. No "Destin de l'Homme", escreveu Niccolas Berdiaeff essa grande verdade (pág. 67): "É com extrema violencia que vemos surgir no mundo contemporaneo antigos instintos raciais e nacionais, que renegam a humanidade e ameaçam de arruinar a cultura européia; este fenómeno nada mais faz do que demonstrar como é forte o atavismo nas sociedades humanas, como o sub-consciente é mais profundo do que a consciencia, e como é superficial o processo de humanização. Se no passado, a afirmação e o desenvolvimento das individualidades nacionais eram um indice de humanização, o nacionalismo moderno é um sinal de bestialização. Trata-se de um retorno ao passado, de um abandono das categorias culturais e historicas em nome das categorias zoológicas".

Pois, bem, o nacionalismo de Alexandre Marcondes Filho é cultural, histórico, mas não guerreiro e agressivo. Rebela-se ele contra o excesso de importações de que sempre sofreu o Brasil, que lhe vem modificar inteiramente a paisagem social e cultural. Refe-rimo-nos, é claro, a importações espirituais. Ninguém pode negar o quanto de verdade se encontra nesta frase: "Durante muitos anos tivemos, uma substancia europeia. Tudo chegava do velho mundo. A cultura vinha de Paris; vinha de Londres o dinheiro. O pensamento e as mãos estendiam-se para a Europa.

Longa seria a enumeração das coisas que importavamos por absurdo: basta considerar que para o Brasil, como se habitássemos um imenso areal africano, vi-nham arvores de Riga, a bordo dos transatlânticos!”

O que Marcondes Filho quer é o despertar do Brasil, não para agredir ou atacar, e sim para desenvolver-se, crescer, criar. Não é mais possível embalar-se nos doces sonhos da poesia, imaginar riquezas e ficar inerte espiando para a natureza, enquanto se lhe cantam as belezas: “Durante um século cantamos com Gonçalves Dias o imenso gigante deitado. Com Afonso Celso, durante gerações, fomos ufanistas do país. Mas a nossa falta de sentido de posteridade deixou Hercules dormindo entre rimas e a Cachoeira de Paulo Afonso espadanando-se em adjetivos, porque só nos inspiravam as pequenas realidades quotidianas”.

Não é a hipertrofia do nacionalismo que se propugna, e sim o simples despertar do país. É preciso trazê-lo á realidade, fazê-lo viver o grande momento internacional, tomar parte no concerto das nações livres e fortes.

Ser nacionalista no Brasil é estar á altura da grande responsabilidade a que é chamada a desempenhar neste momento crítico da historia a maior nação sul-americana. O pan-americanismo repousa em cada uma das partes que o compõem. Imagine-se, agora, se cada uma delas não suprisse com seus proprios recursos o seu papel. Todas se coordenam e se completam. E' como um sistema de resistencias, em que a corda arrebentará no lado mais fraco, como sempre. Ser fraco e desprevenido nesta hora que passa é trair as demais nações coirmãs. De modo que o Brasil faz-se nacionalista, auto-estrutura-se, para melhor poder ajudar as outras nações do continente. E' este o grande desejo de Marcondes Filho, que tão bem o recomenda á pasta do Trabalho neste instante em que estamos a uma polegada da guerra. Eis em suas palavras o seu programa pan-americanista, que nos dispensa de qualquer outro comentario: "Só então, estabelecida por osmose a unidade espiritual dentro da integridade intangivel de um territorio quatro vezes secular, fecundado para a apuração e cristalização da sua raça admiravel, o Brasil poderá pensar americanamente e caminhar resolutamente para o fortalecimento do espirito continental, que através da fraternidade, da boa vizinhança e da frente unica das republicas irmãs, há de fazer do novo mundo como que uma ilha imersa, que será o Reino da paz e



personalidades se influenciam mutuamente, se interdependem, se impressionam reciprocamente. Cada um de nós chega até onde chegam as nossas relações sociais. Mesmo quando o individuo está dentro de sua casa, pensando estar só, engana-se totalmente sobre o que realmente é. Com ele, estão as suas ideias, as suas representações, os seus sentimentos, receios, saudades, esperanças — e tudo isso, afinal de contas são elementos exclusivamente sociais. Ele os trouxe da rua, do contacto com os outros seres humanos.

Assim é o nacionalismo no mundo contemporaneo: é uma pura abstração politica e económica. No "Destin de l'Homme", escreveu Nicolas Berdiaeff essa grande verdade (pág. 67): "É com extrema violencia que vemos surgir no mundo contemporaneo antigos instintos raciais e nacionais, que renegam a humanidade e ameaçam de arruinar a cultura européia; este fenomeno nada mais faz do que demonstrar como é forte o atavismo nas sociedades humanas, como o sub-consciente é mais profundo do que a consciencia, e como é superficial o processo de humanização. Se no passado, a afirmação e o desenvolvimento das individualidades nacionais eram um indice de humanização, o nacionalismo moderno é um sinal de bestialização. Trata-se de um retorno ao passado, de um abandono das categorias culturais e históricas em nome das categorias zoológicas".

E aí está, com a guerra que destrói o mundo, a grande verdade das palavras de Berdiaeff. Aliás, se por um lado veio a conflagração universal demonstrar os perigos da hipertrofia do nacionalismo, por outro lado, está mostrando, igualmente, o perigo das nações que teimam em querer isolar-se. De tudo isso, conclui-se uma única lição: com os meios atuais de comunicação, de transporte, de ligação, não é mais possível qualquer isolamento. Isolar é tomar a atitude do avestru's, é querer e imaginar o irreal e o abstrato. Aliás, tudo isso que vimos escrevendo aqui já foi dito pelo sr. Presidente da Republica, com estas palavras: "É natural que cada país procure amparar e estimular a sua produção: iso, porém, não importa repudiar o espirito de cooperação com os demais povos". E em outra passagem: "A complexidade crescente da vida moderna, fazendo com que os fatos ocorridos num país tenham imediata repercussão sobre os outros, não permite o isolamento dos grupos nacionais".

Fois bem, o nacionalismo de Alexandre Marcondes Filho é cultural, histórico, mas não guerreiro e agressivo. Rebelar-se ele contra o excesso de importações de que sempre sofreu o Brasil, que lhe vem modificar inteiramente a paisagem social e cultural. Referimo-nos, é claro, a importações espirituais. Ninguém pode negar o quanto de verdade se encontra nesta frase: "Durante muitos anos tivemos uma substancia européia. Tudo chegava do velho mundo. A cultura vinha de Paris; vinha de Londres o dinheiro. O pensamento e as mãos estendiam-se para a Europa.

s estudo das causas da demora da  
- consolidação da república em ter-  
a ras da França, que só veio a rea-  
s lizar-se depois do cerco de Paris  
- e da comuna. Diz éle: "E foi  
o necessario o segundo cerco de  
Paris, a comuna e a fome, para  
é que só então a Republica se cris-  
a talizasse. Todos aqueles chefes  
a de Estado, ninguem o ignora, te-  
c rão enchido de glorias a França,  
s de glorias e de sangue, mas ne-  
r nhum deles, diga-se em louvor á  
o verdade, trazia dentro de si, como  
e um lar, os anseios das massas po-  
n pulares. Nenhum deles sentiu as  
s angustias, a incerteza e alvorada  
do seu povo".

- Seria impossivel maior fé na  
democracia. Só se póde gover-  
e nar de acordo com a opinião pu-  
- blica. Este termo, que parece  
a tão arcaico e sem significação,  
e nunca foi tão atual e verdadei-  
- ro. Logo no inicio do seu livro  
s "La rebelión de las massas", pro-  
clama Ortega y Gasset: "Há um  
fáto que, para bem ou para mal,  
é o mais importante na vida pu-  
blica europeia da hora presente.  
Este fáto é o advento das mas-  
sas ao pleno poder social". E

nas páginas 11-12, completa Gasset: "A multidão, de repente, fez-se visível, instalou-se nos lugares preferentes da sociedade. Antes, se existia, passava inadvertida, ocupava o fundo do cenário social; agora adiantou-se para as baterias, é o personagem principal. Já não há protagonistas: só há côro". Bem ou mal, como confessou o pensador espanhol, mas a realidade é essa.

A verdade, porém, é que nunca houve poder nenhum constituído contra a opinião pública, o povo, em geral. Costumava-se Hume dizer que o tema da história consiste em demonstrar como a soberania da opinião pública, longe de ser uma aspiração utópica, é o que sempre existiu em todos os tempos nas sociedades humanas. Nada mais exato. E no mesmo livro, falando da opinião pública, exclama Crtega y Gasset, com veemência (pág. 206): "O mundo é o exercício normal da autoridade. O qual se funda sempre na opinião pública — sempre, hoje como há dez mil anos, entre os ingleses como entre os botocudos. Jámais mandou alguém na Terra nutrin-do seu mando essencialmente de outra coisa que não seja a opinião pública".

E disso está bem seguro Marcondes Filho, quando atribuiu á falta de contacto dos chefes com

as massas populares o fracasso da republica na França. Em outra passagem, volta o autor a falar neste mesmo apoio que torna chefe da grande massa humana: "E' bem claro, é mesmo elementar que o encontro do estadista privilegiado por si só não representaria a solução do estúpido problema, porque andaria longe da verdade quem lhe atribuisse o milagre sem o poderoso auxilio de outros valores nacionais e a colaboração das massas populares". O proprio presidente Getulio Vargas escreveu de certa feita, com toda a sinceridade: "O povo jámais deixa de identificar, entre os líderes aparentes, os seus legítimos servidores, e, bem assim, quais os que pretendem explorá-lo, dizendo-se a seu serviço, para promover vaidades e satisfazer a ambições". E em outra ocasião, confessou o chefe do governo: "Os homens que fazem uma revolução, — simples detentores de energias populares, — valem como expressões passageiras da mentalidade e das aspirações dominantes, e só enquanto interpretam os ideais e os sentimentos da época podem manter a força e o prestígio capazes de dirigi-la".

Como dissemos no início do artigo anterior, as idéias são como que programas da ação subsequente, são mapas, são planos. E assim, através das concepções políticas de Alexandre Marcondes Filho — humanista, nacionalista, democrata e pan-americanista — tudo é de esperar-se da sua administração como Ministro do Trabalho. Falando da Justiça, por exemplo, diz o escritor de "Vocações da Unidade": "A consagração que da Justiça emana não cabe dentro destes salões. Expande-se, alteia-se extravasa e se derrama por todos os rincões do Brasil. Não se fixa na toga do magistrado, não se restringe ao capelo dos doutores, não se demora á banca dos advogados, não se esconde no ventre dos processos. Vai além. Caminha, alarga-se, invade os morros e campinas, porque sendo um dia da Justiça é o dia da unanimidade. Vale tanto para os que a defendem e distribuem como para os que a pleiteam e recebem. Ele é por isso, sobretudo, o dia dos mais fracos, dos mais pobres, dos mais simples, dos mais desprotegidos. Dentro dele há mais do que o culto á lei escrita, porque é também o dia da bôa-fé, da palavra de honra, das promessas cumpridas, da confiança entre os homens e da paz que provem dessa confiança". Tenhamos confiança, pois.